CORREIO BRAZILIENSE

Publicado em 15/02/2023 - 05:56

Haddad sinaliza trégua na guerra dos juros contra BC

GUERRA DOS JUROS

Sinais de trégua entre Planalto e BC

Ministro da Fazenda fala em alinhar expectativas com o Banco Central, que continua sob bombardeio do PT e de sindicalistas

» ÂNDREA MALCHER
» FERNANDA STRICKLAND
» RAFAELA GONÇALVES

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, defendeu o alinhamento de expectativas com o presidente do Banco Central (BC), Roberto Campos Neto, para buscar reduzir a taxa de juros, em paralelo às medidas de equilíbrio fiscal do governo. Ao comentar declarações recentes do chefe da autoridade monetária, o ministro afirmou que Campos Neto reconheceu que as medidas tomadas pelo governo para reduzir o deficit fiscal e o endividamento público estão na "direção correta". Haddad informou ainda que a proposta de elevar a meta de inflação para obter uma queda mais rápida dos juros — medida sugerida pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e criticada pelo presidente do BC — não está na pauta da reunião de amanhã do Conselho Monetário Nacional (CMN).

Desde a semana passada, Campos Neto está no centro de um bombardeio, deflagrado por Lula ao questionar o nível da taxa básica de juros, a Selic, atualmente em 13,75% ao ano, e a autonomia conferida por lei à instituição. Lula reclamou, ainda, dos seguidos alertas do BC à "incerteza fiscal" para justificar a manutenção dos juros em patamar elevado.

Na segunda-feira à noite, em entrevista ao programa *Roda Viva*, da TV Cultura, Campos Neto explicou as posições do BC (**veja quadro abaixo**) e demonstrou interesse em trabalhar de forma cooperativa com o governo Lula. Ontem, em evento promovido pelo banco BTG Pactual, em São Paulo, voltou a fazer acenos de paz. "Acho que o governo está na direção certa, tem tido um debate bom. Falar de juros e ter a crítica é natural. Quanto mais fortes as instituições, mais esse debate pode ser intenso sem afetar preço de mercado e expectativas", comentou, acrescentando que entende a urgência do presidente Lula em querer retomar o crescimento do país.

Rovena Rosa/Agência Brasil

Para Fernando Haddad, queda dos juros deve vir por meio da convergência de entendimento entre o governo e a autoridade monetária

Ao comentar as declarações de Campos Neto, Haddad também usou um tom moderado. "Da parte do Ministério da Fazenda, nós obtivemos o reconhecimento, na entrevista, de que as medidas que estão sendo tomadas estão na direção correta. Isso é muito importante para nós, obtermos esse reconhecimento", disse Haddad, que esteve reunido com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) pela manhã.

Diante das recorrentes críticas de Lula à política monetária conduzida pela instituição, o ministro destacou que a atual taxa básica de juros, de 13,75% ao ano, compromete os objetivos de crescimento do país, mas disse que há certeza de que um bom entendimento será atingido na relação entre política monetária e fiscal.

"Hoje, de novo, eu ouvi uma declaração do presidente do BC dizendo que é natural as pessoas reclamarem da taxa de juros. Efetivamente, se pegar todos os países com uma meta de inflação, nós estamos em situação, do ponto de vista da inflação, mais confortável. E do ponto de vista dos juros, menos confortável. Vamos alinhar as expectativas para trazer isso em um patamar mais adequado, sem comprometer o crescimento da economia e geração de emprego", destacou Haddad.

Apesar dos acenos de parte a parte, o presidente do BC continuou sob ataque de setores aliados do governo. Ontem, sindicalistas e políticos do Partido dos Trabalhadores (PT) organizaram manifestações em diversas capitais para protestar contra os juros elevados e questionar a autonomia da autoridade monetária.

Em Brasília, o presidente nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Sérgio Nobre, disse que os juros altos significam menos empregos e prejudicam o desenvolvimento do país. "Esse debate foi feito na campanha eleitoral, e a posição de Campos Neto foi derrotada. Portanto, ele não tem mais o que fazer na presidência do Banco Central", afirmou, durante a manifestação.

A presidente do PT, Gleisi Hoffman, reiterou ontem a opinião de que não existe risco fiscal no Brasil que justifique o fato de a taxa básica de juros, a Selic, estar em 13,75% ao ano e disse esperar que Campo Neto vá à Câmara o mais rápido possível para explicar a política monetária.

"O Banco Central não pode aplicar o remédio errado e comprometer o crescimento do Brasil", criticou. "Esse é um debate econômico e político. Aliás, é político, a economia tem que ser discutida na política", emendou.

Os ataques ao BC e a Campos Neto povoaram também as redes sociais. O Twitter foi tomado por postagens contrárias a manutenção da taxa de juros. Com a hashtag #JurosBaixosJá, parlamentares, organizações sindicais dos bancários chegaram, até o fim da tarde de ontem, a mais de 15 mil publicações na rede. Campos Neto, por sua vez, acumulava mais de 35 mil menções.

"Juros altos são ruins para o Brasil e para os mais pobres. Taxa Selic em 13,75% só interessa à Faria Lima e rentistas", criticou o deputado federal Lindbergh Farias (PT-RJ). Segundo o deputado federal Guilherme Boulos (PT-SP) já passou da hora dos juros caírem. "Os juros precisam cair para que o Brasil volte a crescer! #JurosBaixosJá", afirmou nas redes sociais.

Riscos

Economistas avaliaram que, da maneira emocional como está colocada, a discussão traz riscos à estabilidade econômica. "Simplesmente perguntar para a população o que deveria ser feito em assuntos que nem todo mundo domina é perigoso, porque não necessariamente a vontade da maioria vai ser a melhor decisão quando é um assunto técnico", disse Davi Lelis, sócio da Valor Investimentos.

Segundo Lelis, o maior risco ao forçar a queda dos juros é fazer com que a inflação decole. "Nós vimos ao longo da história várias medidas anticíclicas que deram errado. Mesmo que o presidente Lula defenda que não deve haver uma taxa de juros muito alta, o que tem que ser discutido não é simplesmente a taxa de juros alta ou não, mas qual medida será mais eficiente para combater a inflação, que é o que justamente pesa no bolso dos mais pobres", considerou.

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) saiu em defesa de Campos Neto. O parlamentar destacou que é preciso atacar a causa do aumento de juros e encontrar uma "solução comum", e não necessariamente concentrar-se na discussão de pessoas. E voltou a descartar qualquer possibilidade de retroceder na legislação que impôs autonomia ao BC.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Economia **Pagina:** 7

Copyright © Clipclap 2025.